

Chamar a si mesmo  
Duração: ao redor de 20 minutos  
Material: um lugar silencioso  
Efeito: duplo (duplicação)

Sente-se no chão, no meio de um cômodo tranquilo, preferencialmente com poucos móveis. Atente-se ao silêncio, sabendo que logo você falará e ouvirá. Ao escutar intensamente os sutis ruídos que o rodeiam, pense que logo essa paz vai cessar. Prepare-se para a irrupção de uma palavra.

Pronuncie, então, em voz alta, seu primeiro nome. Articule com clareza e repita, insista. Como se tivesse que chamar, de uma longa distância, a uma pessoa que permanece surda aos seus chamados. Imagine que está interpelando alguém que lhe conhece, porém que não o vê. Do outro lado de um campo. Ou da praia até um barco. Ou de uma casa a outra. No começo, as 15 ou 20 primeiras vezes, simplesmente terá a impressão de estar falando no vazio. Está chamando alguém ausente, inacessível, de uma maneira absurda e ridícula. Por mais que alargue as vogais, pronuncie as sílabas em tons diferentes, pode não conseguir crer na experiência. Continue. A porta está bem fechada.

Pouco a pouco começará a ter a impressão de que estão lhe chamando. Primeiro de uma maneira confusa, apenas perceptível. Vacilante, irregular. Aqui é onde convém se instalar: atento a esse equilíbrio instável entre o dentro e o fora. Insista, repita, siga se chamando uma e outra vez, de maneira maquinal, automática. Realmente, trata-se de sua voz. E também a voz de outro, lá. Acaba de se dar conta disso.

Sua voz não está dividida. E supõe-se que você, tampouco. No entanto, sente que é duplo, que de alguma maneira está dividido por dentro. Realmente, é você o que chama, mas não sabe a quem. Realmente, é você o chamado, mas não sabe de onde. Ou melhor, claro, evidentemente, bem sabe que é você em ambos os casos, e "você", por sua vez, supõe que são indissociáveis, porém já não sente isso de maneira plena, evidente. O que chama é o mesmo e não é o mesmo que o que é chamado.

A experiência consiste em prolongar alguns instantes este jogo do dentro e fora, do chamado e da escuta. Terá que experimentar, tão profundamente quanto seja possível, o que tem de esquisito ou insólito nesse nome que você conhece, mas que jamais é possível dirigir a si mesmo sem justamente sentir-se outro. Unicamente os outros, perfeitamente, chamam-lhe assim, e você mesmo, em tempos normais, jamais o faz. Siga chamando-se, em intervalos regulares, algumas vezes quase aos gritos. O objetivo é suscitar esse leve mal-estar, não necessariamente desagradável, que acompanha um pequeno desprendimento de si em relação a si mesmo. E mantenha-se por um momento nessa situação de suave vertigem.

Como sair? De que maneira vedar a distância, voltar a juntar as bordas?

Apenas, com uma voz alta e forte, com a maior naturalidade possível, diga: "Sim! Vou!"

Fonte: DROIT, Roger-Pol. 101 Experiencias de filosofia cotidiana. Fondo de cultura económica de Argentina: 2001.

Tradução: Leonardo Ricco Medeiros

Contribuição de Filosofitas

@filosofitas1 filosofitas.com.br